

Escola com propósito

06 de dezembro de 2018

Atravessamos tempos tumultuados por intensa polarização.

Entendemos que convém cuidar de oferecer a todos um ambiente de respeito, segurança e previsibilidade. Por isso, parece oportuno partilhar algumas percepções.

A discussão acerca de ideologia e de política como temas em sala de aula é pertinente e oportuna. Educar requer uma atitude de comprometimento e de cuidado consequente. Ao mesmo tempo em que se prepara os jovens para o mundo adulto, convém também que se cuide de organizar o mundo com o qual se depararão logo adiante. Toda ação educativa é ato político. Requer de quem educa engajamento coerente com a sua visão de mundo, sua perspectiva de futuro, suas convicções e seu propósito pessoal. Mais do que pelas palavras, educa-se pelo exemplo. O bom professor transmite o que sabe, o que sente e o futuro a que aspira. A convicção, o entusiasmo e a autenticidade são fatores que levam o aluno a vibrar, a se envolver e a se engajar.

É legítimo que o educador nutra determinadas expectativas acerca dos efeitos de sua atuação docente. Nesse ponto não reside apenas uma prerrogativa do professor: trata-se aqui da própria essência e do sentido do magistério. É natural e necessário que professores tenham intenções determinadas.

Sugerir que o professor se abstenha de propósitos ou expectativas seria pretender que ele desenvolvesse uma indiferença a respeito da formação que proporciona ao seu aluno. Tal prescrição implicaria admitir que os efeitos da atuação docente pudessem ser aleatórios. A possibilidade de uma pureza ideológica é um equívoco que pode conduzir apenas à esterilização do ensino. A busca por temperança - ou por um certo equilíbrio - não se confunde com uma pretensão à isenção ou à neutralidade. Tão pouco faria sentido partir da desconfiança ou da necessidade de controle. Nem sempre tendenciosidades decorrem do que é pregado em sala de aula. Visões distorcidas podem também ser produzidas pelas ausências e pelo que não se menciona: lapsos, omissões, "apagamentos"... A honestidade intelectual é a moldura dentro da qual a liberdade de cátedra é exercida. O cargo e a função do Professor só se justificam na medida em que lhe seja atribuído, *a priori* e por princípio, o pressuposto de confiança

em sua boa fé e em sua responsabilidade, condições para que o ensino se instaure e se desenvolva de forma saudável.

Cabe aos pais fazerem o discernimento acerca de que tipo de escolaridade desejam para seu filho. Um sistema escolar diversificado e democrático oferece oportunidade para que escolhas possam ser feitas. Quanto mais plural for o leque de opções, mais bem atendidos estarão as famílias e os jovens. De seu lado, cabe à escola explicitar de antemão as perspectivas que assume; prestar-lhes contas e responder pelas abordagens que imprime e pelos encaminhamentos que endossa ou que permite.

As trajetórias de vida dos atuais alunos se darão em meio a um cenário convulsionado pelo impacto de inovações e disrupturas. Merecem que lhes seja assegurada uma escolaridade que os dote de uma acurada capacidade de leitura de mundo. As novas gerações de brasileiros terão como legado um país a reconstruir. Será delas a responsabilidade de levar a sociedade a superar as desigualdades e de levar o país a uma inserção no cenário internacional. Ao que tudo indica, os efeitos da atual crise irão se prolongar por décadas. Portanto é devido aos alunos que lhes sejam apresentados, de forma intelectualmente honesta, os caminhos pelos quais se cavou a crise em que nos encontramos, e com a qual eles deverão lidar ao longo de suas vidas adultas.

Em momento de intensa polarização da sociedade, há quem encontre refúgio entre iguais. O convívio no interior de cada "bolha" traz um certo conforto: protege convicções, reforça concepções prévias e consolida identidades.

Por outro lado, entrar em contato com opiniões divergentes das nossas, a troca, o contraditório, a prática da escuta e a instauração do diálogo, bem como o amadurecimento de argumentações consistentes é exercício extremamente enriquecedor. Entre uns e outros extremos, haverá muito espaço para projetos mais temperados e para aqueles que percebiam ser necessário a política como tema em sala de aula. Que entendam ser saudável que, ao longo de sua trajetória escolar, o aluno entre em contato com diferentes perspectivas, abordagens e argumentações, de forma a desenvolverem sua "capacidade de leitura" - no sentido mais amplo. Em contextos democráticos, a liberdade de pensamento se nutre do convívio entre diferenças, e não da sua anulação. Nesse sentido, é um engano pretender um ambiente escolar inteiramente controlado e asséptico. Cada família faz sua escolha e decide: assim é a democracia.

No entanto, não são apenas as famílias e os jovens a fazerem discernimentos: cabe também ao professor identificar, em meio aos diversos Projetos Pedagógicos, aqueles que correspondam às suas perspectivas como educador e como cidadão, o tipo de Projeto com o qual se dispõe a contribuir com o seu engajamento profissional e pessoal, em coerência com a sua concepção de mundo e visão de futuro. Também

nessa perspectiva convém que as escolas desenvolvam identidades e propostas singulares, diferentes umas das outras.

Qualquer que seja o caso, é necessário que o professor institua, em sua sala de aula, um ambiente de cuidado, em que todos - e cada um - sintam-se em segurança e respeitados, quaisquer que sejam as suas perspectivas, convicções ou origens familiares. Ao receber uma turma, o professor assume um compromisso de cuidado em relação aos seus alunos: nenhum deles deve se sentir exposto por suas opiniões.

Por tudo isso, a proposta de um projeto de lei nos termos do "Escola sem partido" é abordagem tão inconsistente quanto equivocada. Embora seja ineficaz, essa cogitação está longe de ser inócua: arrisca induzir ao acirramento das divergências, à radicalização e semear nas escolas um clima de perseguição e paranoia. O contexto de desconfiança não favorece o ambiente escolar.

A proposta "Escola sem partido" já cumpriu a função de instalar uma discussão. Com o tema em pauta, urge amadurecer a discussão e conduzi-la para termos mais razoáveis.

Cada escola tem o seu propósito. O claro anúncio de seu Projeto é informação necessária para que cada família possa exercer o seu discernimento. Cada professor tem direito às suas convicções e também a fazer as suas escolhas. Por isso, a pluralidade de perspectivas educativas é uma virtude e um patrimônio da sociedade a serem preservados. O convívio entre as diferenças não se equaciona pela busca de um consenso que as neutralize e as anule, mas pela preservação de sua coexistência. Afinal, democracias alimentam-se da liberdade de pensamento, de opinião, de ensino e liberdade de cátedra.

Atenciosamente,

Direção